



A mídia como fator de redimensionamento das tradições indígenas e construção da memória da cultura Xerente - uma análise da aldeia Porteira

Adriana Tigre Lacerda Nilo¹

Resumo

Partindo de pressupostos teóricos da Sociologia da Comunicação e da História Social e, dispositivos metodológicos, da História Oral, este trabalho analisa a ampliação dos *contextos interativos* e o seu efeito na reorganização dos padrões de interação social dos índios da aldeia Porteira, de etnia Xerente. Esta comunidade localiza-se na região noroeste do estado do Tocantins, integrante, na região norte, da Amazônia Legal. Este artigo é fruto de uma pesquisa² que investiga o modo pelo qual os representantes de uma cultura indígena convivem com a manutenção da tradição x acesso aos meios de comunicação. Foi feito um levantamento das atividades desenvolvidas em cada um dos contextos interativos (face a face, mediado e quase mediado). Deste modo, observou-se a mudança de aspectos da tradição hermenêutica, quanto à menor disponibilidade dos índios mais jovens para ouvir as lendas e mitos narrados pelos “guardiões da memória”, em função destas atividades serem cultivadas, hoje em dia, no espaço institucionalizado da escola formal e, paralelamente, devido ao contato dos índios com a sociedade não indígena, cujos aparatos tecnológicos trazem novas fontes de informação. Neste sentido, concluímos que a mídia cumpre um papel histórico, não só de salvaguardar, mas principalmente de manter viva a memória da cultura Xerente, redimensionando as suas formas de interação social.

Palavras-chave: Mídia e cultura indígena, contextos interativos e tradição.

¹Jornalista. Doutora pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins -UFT. Trabalho inserido no GT 8- Historiografia da mídia.

Email: adrianatln@uft.edu.br

² Pesquisa de iniciação científica, edital 209/2010, com a participação das orientandas de Pibic (Camila Komatsuzaki Fraga) e Pivic (Ana Carolina Costa dos Anjos).

A partir de um recorte diacrônico acerca da presença dos meios de comunicação na sociedade, percebemos que hoje em dia dispomos - cada vez mais - de inúmeros recursos, aos quais podemos recorrer simultaneamente para participar dos diversos contextos interativos. Da conversação espontânea à chamada convergência tecnológica, com a televisão e o computador acoplados a um, até então simples, aparelho de telefone celular, tudo pode coincidir (literalmente) ou, por vezes, concorrer para interagirmos na convivência social.

Tal fenômeno, bastante evidente no dito mundo civilizado, representa para Thompson a ampliação dos “contextos interativos”, cujo significado maior, em termos qualitativos, é o de interferir na reorganização dos padrões de interação social. Esta é a categoria de análise na qual o autor baseia boa parte da sua teoria sobre a atuação da mídia junto às sociedades, após o surgimento do estado moderno, partindo do pressuposto de que “[...] o desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais” (THOMPSON, 2008, p. 77).

Com base neste pressuposto teórico foi investigado o modo pelo qual os representantes nativos de uma cultura particular³, os índios da aldeia Porteira, da etnia Xerente, do Tocantins, lidam com a ampliação de tais contextos de interação social, mediante o desafio da manutenção da tradição⁴ diante do acesso aos novos meios de

³ Segundo Wolton (2004, p.164): “As *culturas particulares*: antigamente incluídas na cultura popular, tendem a distinguir-se em nome do direito à diferença (mulheres, regiões, minorias). Embora não alcancem volumes consideráveis, ainda assim questionam a cultura *popular* na medida em que essa não tem mais o monopólio da legitimidade popular nem o poder de integração simbólica que eram seus antigamente.” A adoção desta tipologia não desconsidera a tese de Hibridismo cultural de Canlini (1997, 09), para quem : “As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis”.

⁴ Para Thompson (2008, p.163-165): “... tradição significa um *traditun*, isto é, qualquer coisa que seja transmitida ou trazida do passado e cultivada no presente”. Temos na tipologia do autor: **a hermenêutica**; valores pressupostos, aceitos e difundidos de geração para geração, **a normativa**; padrões de comportamento do passado socialmente estabelecidos; **A Legitimadora**; manifestada pela autoridade legal, carismática ou tradicional de indivíduos e/ou instituições e, por fim, **a Identificadora**; a que integra a auto-identidade e a identidade coletiva.

comunicação. Seguindo o pensamento do citado autor, inscrito no campo da sociologia da comunicação, foi analisado de que modo os três tipos predominantes de interação vivenciados - comumente - pela maior parte da população não índia, começam a fazer parte do cotidiano indígena. São eles; *a interação face a face, a mediada e a quase-mediada*, ora também chamada pelo autor *de* quase interação mediada.

Para observar os três contextos acima mencionados, foi adotada a proposta de Thompson que elege quatro características (alçadas ao patamar de categorias de análise), cujas formas de manifestação variam, quantitativa e qualitativamente, em cada tipo de interação. São elas; 1) a relação estabelecida pelos interlocutores com as referências “espaço-tempo”; 2) a possibilidade de “deixas simbólicas”, entendidas como o “feedback” da comunicação verbal e não verbal entre os participantes da interação; 3) “a orientação da atividade” comunicativa, mediante o conhecimento ou não do destinatário ou público receptor e, por fim, 4) o caráter participativo da interação: se dialógico ou monológico.⁵

Levando em conta o processo de formação do povo brasileiro, ocorrido a partir da miscigenação entre as etnias indígena, africana e européia, acredita-se ser de significativa relevância social conhecer traços fundamentais da realidade brasileira, ainda pouco estudados em cinco séculos de história. (cf. BERNA, 2001). Além disto, constitui-se relevante, do ponto de vista teórico, investigar os processos de comunicação vivenciados por esta comunidade.

Neste sentido, entendendo a comunicação como parte integrante do contexto sociocultural, foram analisados os processos comunicativos protagonizados pelos índios

⁵ Relativizamos esta perspectiva quanto à atribuição do caráter *monológico* deste contexto interativo, por Thompson, que alega a centralização dos meios de produção, visto que na perspectiva *dialógica* de Bakhtin (1987), *o princípio da alteridade* pressupõe a presença (implícita) *do outro*, ainda eu este não seja participante efetivo do processo de comunicação.

da aldeia Porteira que, em princípio, configuram-se como *grupos em contato permanente*⁶, com a sociedade não-índia. Esta é a razão pela qual apresentam um perfil singular, caracterizado pelo cultivo às tradições e, ao mesmo tempo, pelo usufruo das novas tecnologias.

Na perspectiva de Thompson, a tradição não é coisa do passado [...] porque o seu caráter mutável está ligado à mídia que a reelabora, mantendo-a viva, ou seja, *presentificando* o passado, à medida que se reporta a determinadas realidades sócio-culturais. Segundo o autor (2008, p.159), o pensamento social clássico (representado por Marx) difundiu durante anos que “o desenvolvimento das sociedades modernas é acompanhado por um declínio irreversível do papel da tradição”. Para Thompson, esta idéia teria sido revitalizada por teóricos que afirmavam que “o desenvolvimento das sociedades modernas implica num processo de *desenraizamento* das tradições” (idem).

A propósito, para Canclini (1997,30): “...as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”, o que na concepção de Thompson pode ser entendido como o fenômeno pelo qual estas tradições “perdem uma raiz” fixada em um determinado lugar para surgirem e se “ancorarem” em diversos outros lugares, até certo ponto, indeterminados.

Na visão do citado autor, na verdade, as tradições não correm o risco de “perder suas raízes” e, conseqüentemente virem a desaparecer. Sua tese é de que elas passam por um processo de transformação, sendo cultivadas de novas formas, em outros contextos interativos (2008, p.160): “... as tradições transmitidas oralmente continuam a desempenhar um papel importante na vida cotidiana dos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação”.

Conforme ressalta Thompson (2008, p.160), ao defender *a nova ancoragem da tradição*: “a tese do declínio[...] pouca ou nenhuma atenção deu ao papel da mídia.

⁶ Para Ribeiro (apud RIBEIRO 2001,p.27-28): “Nesta situação encontram-se as tribos que, embora conservem certos elementos da tradição ancestral, como a língua, a cultura material e outros, dependem do fornecimento de bens da civilização, aos quais se habituaram e de que não mais podem prescindir”.

Presume-se geralmente que o caráter dinâmico das sociedades modernas (atividade econômica capitalista) teve um impacto direto e deletério nas formas tradicionais de vida. Mas qual o papel reservado à mídia nas transformações tradicionais de vida?”

A indagação do sociólogo constituiu-se na questão norteadora da pesquisa. Porém, apesar da pré-disposição de concordar com a sua ressalva de que “...se atentarmos, para o impacto transformativo da mídia, chegaremos a uma visão bem diferente do caráter mutável da tradição e de seu papel na vida social” (2008, p.166), considerou mais prudente não defender, *a priori*, que a transformação da tradição, no caso da cultura indígena Xerente, esteja ligada tão somente e de forma *fundamental* ao desenvolvimento dos meios de comunicação, conforme defende o autor.

Esta ressalva ao pensamento de Thompson está respaldada nos estudos da antropologia cultural, cuja abordagem conceitual e fenomenológica da cultura não se volta apenas às características comunicativas dos contextos interativos, mas ao conjunto de *valores, hábitos e formas e agir* e pensar que constituem o *ethos*⁷ indígena.

Deste modo, reconhece-se a interferência destes aspectos na organização da vida social dos Xerente da aldeia Porteira, embora tenha sido priorizado o estudo da dinâmica dos contextos interativos. Mais especificamente, interessamos observar os três contextos interativos, anteriormente mencionados, dedicando especial atenção ao que se refere às interações mediadas e quase-mediadas, justamente com o objetivo de indagar “qual o papel reservado à mídia nas transformações tradicionais de vida?” , conforme indaga Thompson.

Presumiu-se que tais interferências podem ter um efeito “diametralmente oposto”, a depender da perspectiva em relação a qual sejam observadas. Dizendo de outro modo, o interesse foi o de observar, inicialmente, se o progressivo acesso, que hoje os índios têm, aos meios de comunicação constitui em um fator inibidor da tradição oral, de contar histórias, dentro da comunidade indígena.

⁷ O termo aqui é entendido conforme defende Certeau (1980), como sendo um determinado modo de ser e estar no mundo.

Em contrapartida, foi observado e estudado o efeito da gravação, em áudio e vídeo, por exemplo, de manifestações artísticas e culturais, tais como as danças e os jogos, para o fortalecimento da identidade indígena, tanto no âmbito desta comunidade Xerente, quanto em relação à população não-índia, cujo conhecimento, acerca deste povo, se dá de forma intermediada, ou seja, via meios de comunicação de massa.

É deste fenômeno, marcado pelo distanciamento espácio-temporal, característico dos contextos da interação mediada e da quase mediada, que Thompson chega à tese da *nova ancoragem da tradição*, isto é, ao fato desta tradição não se limitar mais aos contextos práticos da vida cotidiana e ter expandido-se, renovado-se e sido ancorada em novos contextos interativos, que vão bem além dos limites das situações de origem.

Antes de circunscrever o perfil dos índios da aldeia Porteira, dimensionaremos esta comunidade indígena no contexto histórico do país.

Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores⁸:

Hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

Ainda de acordo com este site governamental: “A maior parte das sociedades indígenas que conseguiram preservar suas línguas vive, atualmente, no Norte, Centro-Oeste e Sul do Brasil. Nas outras regiões, elas foram sendo expulsas à medida em que a urbanização avançava”. Segundo a tipologia de Galvão (1959) apud Ribeiro (2001, p.26-27), Tocantins-Xingu é apresentada como uma das onze áreas culturais, identificadas pela designação geográfica.⁹

⁸ www.mre.gov.br/portugues/noiciario. Acesso em: 14 maio 2009.

⁹ Subdivididas nas seguintes áreas 1.Norte- Amazônia, 2.Juruá-purús, 3.Guaporé, 4.Tapajós-Madeira, 5.Alto-Xingu, 6. Tocantins-Xingu,7.Pindaré-Gurupi, 8.Paraguai (Chaco),9.Paraná, 10. Tietê-Uruguai e 11.Nordeste.

No Tocantins, especificamente, existem sete etnias indígenas: Apinaye, Ava-Canoeiro, Guarani, Javae, Karaja, Kraho e Xerente, que totalizam uma população de 7.193. A comunidade Xerente tem uma população de aproximadamente 2.841 índios, distribuídos em 57 aldeias. A aldeia Porteira fica a 18 km da cidade de Tocantínia, localizada na margem direita do rio Tocantins, a 80 km da capital. É constituída por cerca de 300 índios, reunidas em cerca de 70 famílias, agrupadas em 48 casas, algumas das quais feitas de barro, enquanto outras já foram construídas em alvenaria, sendo ambas cobertas de palha. Inicialmente o conjunto formava o desenho de um cadeado, que atualmente não se apresenta de modo a ser reconhecido como tal.

A comunidade vive da atividade da pesca e da chamada “roça de toco”, feita artesanalmente. Também produz artesanato de capim dourado, que é vendido, todas as segundas-feiras, na feira de Tocantínia. A aldeia Porteira conta com uma escola estadual, que proporciona o ensino bilíngüe, de 1º ciclo. À noite, são mantidas turmas do EJA, de educação de jovens e adultos. Dispõe de uma enfermaria construída pela FUNAI e administrada pela FUNASA. Até o final de 2009 os índios recebiam o incentivo do *Procambix*,¹⁰ programa de compensação ambiental Xerente, que atua na produção de roça, na fiscalização ambiental e na mobilização de atividades culturais.

No que tange ao convívio com os meios de comunicação de massa, os índios têm, em casa, rádio e televisão, além de alguns já usarem celular.

Só não têm acesso ainda à internet, mas costumavam manter contato com outras aldeias através de rádio amador, indisponível no período de realização desta pesquisa. As características dessa comunidade, segundo a ex-coordenadora de cultura e cidadania do Procambix, Vanda Sibakadi Gomes da Silva Xerente, constituem o perfil singular da aldeia Porteira, uma das que mais preserva suas tradições indígenas e, ao mesmo tempo, desfruta do acesso às novas tecnologias.

¹⁰ Este programa é resultado de um convênio entre a FUNAI e a Empresa *Ivestco*, responsável pela construção da usina de Lajeado, inaugurada em 2001, cujos impactos ambientais resultaram num ressarcimento inicial, de 1 milhão, destinado à construção de três enfermarias e à aquisição de dois veículos Toyota. Posteriormente, entre os anos de 2001 e 2009, foram pagos dez milhões e cento e cinco mil em dezesseis parcelas.

Não só na perspectiva da recepção da mídia, os índios também tem se relacionado com os meios de comunicação, na condição de sujeitos da própria história, contratando profissionais da área para documentação sonora ou audiovisual da cultura Xerente.

Deste modo, a chamada *nova ancoragem da tradição*, na acepção de Thompson e, o conseqüente, redimensionamento dos contextos interativos evidenciam-se, por exemplo, na iniciativa desta etnia em gravar um *CD* com músicas em Awkê. Assim, os índios da aldeia Porteira não deixaram de vivenciar certos costumes na interação face a face, como por exemplo, as cerimônias de batismo, que acontecem com a presença de todos (cantando e dançando) no mesmo *tempo e espaço* físico.

Porém, estas referências são distanciadas na ampliação dos contextos interativos, como já observava Thompson, por meio do uso de recursos técnicos e eletrônicos. Ou seja, neste sentido, a nova ancoragem da tradição consiste, entre outras formas de ocorrência, no fato dos índios Xerentes poderem vivenciar as suas tradições em cada um dos mencionados contextos interativos, conseguindo- ao mesmo tempo- registrar a memória da sua cultura, tanto para a sociedade indígena e seus descendentes, quanto para o conjunto da sociedade envolvente.

O conjunto das atividades desenvolvidas pelos índios Xerente da aldeia Porteira, nas interações sociais pelas quais *resignificam* a tradição no presente, retrata bem a reflexão de Coutinho (2005, p.87), ao constatar que “Cada classe, cada povo, cada grupo social constrói suas tradições interpretando e se apropriando do passado, de acordo com perspectivas e interesses efetivamente definidos pelas relações sociais existentes”.

Seguindo o pensamento de Gramsci e de Hegel, de pensar a cultura por meio de uma concepção dialética, Coutinho (2005, p.95) argumenta que: “Por essa perspectiva, a categoria de tradição não significa apenas conservação, como quer o senso comum: ela carrega consigo a idéia de *ruptura* e, portanto, de negação do patrimônio histórico-cultural.”. E, como proficuaemente pontua o referido autor; “Conservação e ruptura determinam uma seleção e, necessariamente, uma reinterpretação dos signos do passado.”

Assim, observando, as tradições Xerentes que ainda são vivenciadas, as que foram esquecidas e, sobretudo, aquelas que estão redimensionadas, concorda-se com o ponto de vista de Coutinho, de: “O movimento de reelaboração de formas culturais do passado pode ser compreendido como *Aufhebung*, expressão hegeliana que significa, a um só tempo, conservação, eliminação e renovação”. (2005,p.95)

Conforme instiga Canclini (1997,p.11): “A questão é entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, coincide com movimentos sociais ou os contradiz. Há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras. Há setores sociais com capitais culturais e disposições diversas de apropriar se delas, com sentidos diferentes” .

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral**. In Revista de História Oral. São Paulo: Unesp, 1995.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade* .Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350:Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CERTEAU, Michael. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os sentidos da Tradição** in Comunicação e Cultura. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *A guardiã da memória*. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/538.pdf> . Acesso em 05 out 2009.

GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta É a questão?* In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. mai – ago 2006. vol. 22 n.2, pp. 201-210. Brasília, DF.

MONTSERRAT, Ruth Maria F. *Línguas indígenas no Brasil contemporâneo*. In: GRUPIONI, Luís D. B. (org). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

RIBEIRO, Berta Gleizer. *O Índio na História do Brasil*. São Paulo, Global editora, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: Wagner de O. Brandão. Leonardo Avritzer rev.10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.